

17-08-2021

Crônica sob Encomenda Valdir Specian

[Professor Universidade Estadual de Goiás. Doutorando em Geografia.
Membro do Grupo Espaço, Sujeito e Existência Dona Alzira]

Hoje escrevo sob encomenda. Faço para atender a uma pessoa querida, minha leitora, a mesma que há muitos anos atrás fez eu continuar os meus estudos, momento de atribulações e eu, sem norte, fui pego por sua mão e levado para buscar a escola onde era possível estudar, essa cena ficou lá atrás, lá no final da década de 1980, ano de nossas mudanças, inflação e desemprego, desespero e fome. Os fiscais do governo daqueles distantes 1986/88 foram enganados – em certo momento faltou tudo nas prateleiras dos supermercados (hoje sobram e se perdem produtos, mas falta dinheiro para as pessoas comprarem). Mas a encomenda que ela fez é para “falar sobre tudo isso que estamos vivendo hoje, de que forma fomos afetados. Mas sem entrar nas questões políticas, nada de política no assunto”. Tenho um compromisso de falar de gente e de ambiente, não nessa ordem, somos todos ambiente, tentarei não falar de política, encomenda é encomenda!

É quando é feita por uma pessoa que tenho muito carinho, não posso recusar. No começo de 2020 me motivei a olhar o mundo com esperança, aquela de Paulo Freire - esperar.

O avanço da pandemia me fez ter a esperança de que as pessoas mudariam de atitude, enfim o motivo para a verdadeira ordem global da solidariedade.

Hospitais sendo montados, preocupação com a vida, governos falando em estatizar leitos para atender os doentes que chegavam em grande número, a sensibilização do mundo com os italianos que tiveram seus corpos carregados em caminhões.

O vazio das cidades e a solidariedade de famílias cuidando de famílias, os mais jovens emprestando os serviços aos vizinhos que não deveriam sair de casa. Em Cuba, uma senhora inglesa faz um agradecimento emocionado pelo direito de desembarcar de um navio de cruzeiro. Empresas fazendo grandes/pequenas doações. As cidades se tornam mais limpas, o sol apareceu depois que a fumaça das fábricas se recolheu. Os peixes foram avistados nos canais de Veneza, antes tomado pela água turva do esgoto. As praças vazias de turistas foram reocupadas pelas populações locais. Mantenho a esperança, sem ela, é como deixar o sonho se apagar. Uma vida sem sonho, é vida sem poesia, pois nos é permitido “carregar água na peneira”(Manoel de Barros). A querida leitora pediu que não era para falar de política, acho que ela não quer ouvir o nome daquele que não deve ser nomeado, o projeto de fascista que nos governa. Mas posso falar de economia....

Ela, minha esperança, às vezes fica trôpega....

O sistema que move a economia do mundo não vacila.

Com rápidas mutações se ajeita e reequilibra suas ordens. Aproveita-se do momento e deixa a boiada entrar, o fogo abre lugar para seus capitães do mato.

Trabalhadores são colocados em xeque, escolha o emprego + (vírus) ou a fome? – “você é empreendedor de si mesmo”.

Uma equação dolorosa, matemática de horror.

Minha esperança frustra-se ao ver alimentos sendo enterrados nos cinturões verdes das grandes cidades e, ao mesmo tempo, a fome enche as geladeiras das casas nas comunidades não muito distantes. Nem a pandemia é capaz de parar as guerras do mundo e de nosso cotidiano. O Natal do ano passado foi um pouco diferente, não sei como será esse ano!

Mas uma coisa não mudou, as crianças das periferias podem até sonhar com Papai Noel, mas a realidade tem outra face, o trenó é blindado e o bom velhinho usa farda e empunha fuzil, aparece de surpresa e em qualquer tempo. O sistema é sádico. Pergunto, quem armou os Talibãs? É preciso armar, para depois desarmar... afinal a guerra não pode parar.

No meio da pandemia, os palestinos perderam suas casas e ao reagir foram novamente atacados – as bombas (não) escolhem os alvos. Os iemenitas foram esquecidos, assim como os sírios. Minha querida, já percebeu que a televisão, rádio, e aqueles sites que carregam nossos celulares podem até falar da fome, mas não falam de política econômica.

Dá forma que está parece bom para as elites que nos dominam e é.... No meio da pandemia ficamos felizes ao descobrir que novos brasileiros entraram para a lista da Forbes, novos bilionários. Alguns religiosos, te-mentes a Deus e protetores de seus rebanhos fizeram um grande jejum da salvação em nosso país e depois aproveitaram para vender a água, sementes e outras artimanhas da salvação. Mas na hora que a coisa apertou preferiram procurar a vacina em outros países.

Uma guerra ideológica movida para perdoar.... sim, perdoar.... mas não se iluda, querem mesmo (e conseguiram) perdoar as dívidas de capital/impostos de suas entidades de capitalizar a esperança e a fé dos desesperados. Respondo à minha leitora querida: a questão não é a forma de como somos afetados e sim como vamos reagir. Vamos reagir com sonho e poesia, vamos reagir com indignação e luta, vamos avisar aos desavisados que estado só é mínimo aos pobres, que reformas – desse Estado – via de regra, só servem para aniquilar direitos.

Vamos reagir com esperança, olhando o outro como seu irmão, sua imagem. Lembrando que somos seres incompletos, afinal, temos um aparelho respiratório para tomar o oxigênio que não produzimos, por nossa boca entra alimento e água – é direito, não esmola. A água limpa e o alimento saudável em quantidade suficiente, nem mais e nem menos – É DIREITO!

Nós temos direito ao trabalho, mas não podemos ser expostos às máquinas de triturar gente – um transporte lotado, salas de aula sem ventilação, hospitais sem oxigênio.

Precisamos nos indignar que o frio que alegra aqueles que têm agasalho é o mesmo que preocupa as mães que não podem cobrir seus filhos e filhas nas noites e dias frios de suas precárias moradias. Não é justo que as geladeiras sejam um símbolo de desperdício de alguns lares e desespero de outros e eu não falei da fila de ossos de Cuiabá...

Reaja minha querida irmã, faça hoje o melhor que você não foi capaz de fazer ontem.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.